BRASIL SÓ GANHA COM VISÃO DA SUSTENTABILIDADE NO AGRONEGÓCIO

MARCELLO BRITO
Presidente do Conselho Diretor da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG)
Da Redação

GRUPOS EMPRESARIAIS importantes protocolaram, na Vice-Presidência da República, no Conselho Nacional da Amazônia Legal (CONAMAZ), na Presidência do Supremo Tribunal Federal (STF) e na Câmara dos Deputados, um comunicado pedindo rigor na agenda do desenvolvimento sustentável e do combate ao desmatamento ilegal na Amazônia. Para tratar desse assunto, a ***Agroanalysis*** traz a opinião de Marcello Brito, presidente do Conselho Diretor da ABAG, com larga experiência e convivência em negociações internacionais de *commodities* agropecuárias, sobretudo quando se trata do bioma amazônico.

HÁ UMA PIORA NA IMAGEM AMBIENTAL DO BRASIL?

MARCELLO BRITO: Os países podem ser avaliados com critérios científicos desenvolvidos por metodologias aprimoradas. Acompanhamos de perto como está sendo vista a "marca" Brasil no mundo inteiro quanto à questão da sustentabilidade. Em junho de 2019, ficamos muitos assustados com os resultados negativos apurados pelas pesquisas. Há uma diferença enorme entre a percepção e a realidade das coisas.

Convidamos a Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (Secom/PR), o Ministério das Relações Exteriores (MRE) e a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) para o 18º Congresso Brasileiro do Agronegócio (CBA), em 2019, e apresentamos o conteúdo do levantamento. Ouvimos personalidades tarimbadas nas questões internacionais, como os diplomatas Sergio Amaral e Rubens Barbosa. Há um consenso sobre a imagem ruim do Brasil no que diz respeito aos problemas de governança relacionados à Floresta Amazônica.

PODEMOS DIMENSIONAR O PREJUÍZO DESSA DETERIORAÇÃO NA APARÊNCIA EXTERNA?

MB: No começo deste século, já participávamos de encontros multissetoriais com foco em sustentabilidade. Naquela época, as pressões das organizações não governamentais (ONGs) sobre as indústrias manufatureiras eram repassadas para os produtores. Esse processo mudou no decorrer dos anos. Agora, a sociedade influencia as decisões dos investidores, que, por sua vez, passam para seus clientes. Então, o custo para captação do capital pode ficar maior ou menor conforme a situação.

A Ciência aponta as tendências de consumo do mundo. Temos de estudar para onde caminha a visão das novas gerações. Essa percepção ruim não pode continuar. Existem países que lutam para mudar como são vistos pelo mundo. Custa muito para construir a imagem e quase nada para destruí-la. As negociações com a União Europeia, em caso negativo,



afetarão o nosso pleito de integrar a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Precisamos participar desses grandes condomínios mundiais.

APESAR DE SER POTÊNCIA AGRÍCOLA E AMBIENTAL, O BRASIL QUEIMA E DESMATA FLORESTA?

MB: O termo 'agroambientalismo' continua no plano do desconhecimento. Dispomos de uma riqueza ambiental gigantesca, mas ainda sem tirarmos proveito. Apesar de o agro apresentar-se bem, isso ocorre abaixo da sua potencialidade. Os concorrentes não planejam atacar o agronegócio do Brasil todos os dias. Eles esperam as nossas manifestações, para darmos de forma gratuita o chicote e sermos surrados em questões de desmatamento ilegal, grilagem, queimadas e outros crimes.

Essa postura errada advém da miopia geopolítica e comercial dos nossos interlocutores. As ações desastradas provocaram um verdadeiro desgoverno na

“NO MUNDO, UNS OLHAM O DESENVOLVIMENTO PELO LADO DA ESCASSEZ E OUTROS, PELO LADO DA ABUNDÂNCIA.”

condução da política ambiental, principalmente para o agro. O fato de estarmos fincados nesse debate mostra que a questão ambiental faz parte de uma visão transversal da economia. Daí as pessoas e as empresas sérias não poderem ficar do lado de fora desse debate.

FALTA ARTICULAÇÃO DE REPRESENTATIVIDADE ENTRE OS SETORES DA SOCIEDADE?

MB: Esse processo estreita-se e ganha força. Sempre foi tradicional que as empresas deixem para as entidades fazerem as manifestações. No setor privado, as empresas são os mecenas e os CEOs são os responsáveis pelas transformações e pelas disrupções. Esse foco de pressão republicana aparece como um novo paradigma nas relações corporativas e intergovernamentais. Precisamos dar os sinais corretos de que renegamos a ilegalidade e que nos alinhamos à preservação e ao desenvolvimento socioeconômico e ambiental.

Assinada por setenta grandes empresários e oito entidades de representação, uma carta-manifesto pede o combate ao desmatamento na Amazônia. O documento chama a atenção para a imagem negativa e a reputação dos negócios do Brasil no exterior diante dos problemas socioambientais na Amazônia. Enquanto esse grupo realiza visitas junto às lideranças políticas e empresariais, clientes de referência demandam uma cadeia de suprimentos livre de desmatamento ilegal.

DEVEMOS MOSTRAR AS PRÁTICAS CONSERVACIONISTAS DO AGRO?

MB: O mosaico de sucessos é enorme. Como país em desenvolvimento, temos atividades com problemas. A dinâmica do desmatamento está baseada na chamada grilagem, com roubo de terras públicas. Com a derrubada da Floresta, vem a venda ilegal de madeira, sendo a maior parte consumida no Brasil. O pequeno produtor não tem recurso para fazer essa operação. Os correntões completam o serviço com a limpeza e o destocamento do terreno. Passa um tempo, toca-se fogo e se introduz o gado, para ser feita a pseudoposse mansa e pacífica da área.

Sem tecnologia, essa ocupação parece-se em nada com a pecuária técnica, industrial e sustentável majoritária no País. Os governos possuem ferramental constituído nas últimas décadas, como o Guia de Trânsito Animal (GTA), o Cadastro Ambiental Rural (CAR), o Sistema de Identificação e Certificação de Bovinos e Bubalinos (Sisbov) e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), entre outros. O cruzamento de dados e o rastreamento da agropecuária podem ser feitos em parceria com o setor privado. Essa *legal compliance* interessa aos produtores, aos processadores e ao País.

COMO FICA O ARGUMENTO SOBRE O DESMATAMENTO REALIZADO EM OUTROS PÁISES?

MB: A nossa responsabilidade é com o Brasil. No mundo, uns olham o desenvolvimento pelo lado da escassez e outros, pelo lado da abundância. Como não existe Estado que se desenvolva em cima da primeira visão, o foco fica sobre a segunda. O gigantismo da Apple vem dos milhares de articuladores que acessam a sua plataforma. O futuro brasileiro está nos fundamentos agroambientais e em suas centenas de faces, seja em produtos ou serviços.

Já realizamos duas safras anuais no Brasil e estamos próximos da terceira, a de carbono. Não é essa a mais discutida atualmente? Teremos liderança nesse processo ou, mais uma vez, ficaremos a reboque dos outros? Como podemos alinhar-nos às tendências do *mainstream* apontadas pela Ciência, nas faixas e nos nichos disruptivos com os mercados de alto valor agregado? Na verdade, podemos estar em todos eles. O interessante está no fato de o Brasil possuir potencial e tecnologia tropical para atender os dois segmentos.

PODEMOS ABRIR MÃO DA PRESERVAÇÃO AMBIENTAL?

MB: Nunca, num país biodiverso como o Brasil. A soberba e o orgulho são cruéis destruidores de riqueza no mundo. Há quarenta anos, éramos importadores de alimentos, enquanto os Estados Unidos eram um grande fornecedor mundial (talvez, fossem orgulhosos e arrogantes também). Hoje, menos de três dezenas de países suprem sua população e geram excedentes para exportação. No mercado competitivo atual, a ocupação do espaço vazio ocorre de forma rápida. Nunca dizemos ao seu cliente “ou compra de mim, ou terá depois que pedir de joelhos”. Fazer isso significaria dizer “por favor, procure outro fornecedor”.

Recentemente, a Rússia fechou um acordo com a China para fornecimento de soja. Ainda que sejam pequenas, os russos ganham novas áreas de cultivo, graças às mudanças climáticas.

AS ARTICULAÇÕES COMEÇAM A SE ESTREITAR E GANHAR FORÇA ENTRE OS GRUPOS EMPRESARIAIS.

No continente africano, ainda existe muito a ser explorado. Então, a proposta brasileira deve manter o abastecimento regular dos parceiros. No meio diplomático, diz-se que "não há países amigos, mas sim os de interesse". A guerra comercial entre os Estados Unidos e a China rompeu laços de confiança dos dois lados. O Brasil deve aproveitar-se para sustentar com sólidos pilares a sua posição.

A TECNOLOGIA TRAZ BENEFÍCIOS QUANDO AJUDA A APURAR QUEM DEGRADA AS ÁREAS NA AMAZÔNIA.

DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E PRESERVAÇÃO DAS FLORESTAS SÃO VISÕES-CHAVE?

MB: Maior do que pensamos, o bioma Amazônia recobre quase metade do Brasil. Possui tipos de formações florestais diferentes, com vegetações campestre, não florestal e mista. A Amazônia está nos corações e nas mentes do coletivo mundial. Uma parte imensa já foi antropizada. Com tecnologia, parte significativa dessa área será ocupada com novos conceitos sobre os setores já consolidados da agricultura e da pecuária, diante da sua interligação com uma nova bioeconomia da floresta em pé.

No mundo desenvolvido, há bilhões de dólares a serem aplicados na bioeconomia, um resultado das inovações na área de Ciências Biológicas. Indústrias de cosméticos, do agro e processadoras de alimentos do País já unem com grande sucesso as bioeconomias das florestas e de setores consolidados. Ao Brasil cabe desenvolver essa inteligência. Do papel e da celulose, virão produtos revolucionários para substituir os plásticos e as embalagens. Os passos estão sendo dados.

CRESCEM AS TOMADAS DE DECISÃO DOS INVESTIMENTOS COM BASE EM CRITÉRIOS AMBIENTAIS?

MB: Essa será uma condição *sine qua non*. A tecnologia traz benefícios para as análises e as imagens de satélite que apuraram a participação ou não do agro na degradação ambiental. Sabemos que se trata de uma minoria. Temos, *a priori*, de passar por um exercício de cidadania. Precisamos aumentar a maturidade e as relações entre representantes da sociedade civil, do Governo e da inciativa privada na construção de uma nova governança para o País.

As iniciativas da Coalizão Brasil, Clima, Florestas e Agricultura, que reúne 250 entidades ambientalistas, da Academia, do agronegócio e de outros setores, são exemplos positivos dessa cidadania, sendo, hoje, uma interface com compradores e investidores no mundo. O movimento empresarial liderado pelo Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBEDS), pela ABAG, pela Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (ABIOVE), pela Indústria Brasileira de Árvores (Ibá) e pela Rede Brasil do Pacto Global corre nesse sentido. Positivo, o resultado mostra o avanço da sociedade civil e da iniciativa privada brasileira no campo do desenvolvimento sustentável.

COMO FICAM AS CERTIFICAÇÕES E AS CONTENÇÕES DE INCÊNDIOS E QUEIMADAS?

MB: Existem selos internacionais para a maioria das *commodities* e que não são uma garantia de *compliance*, mas um indicativo de intenções. Empresas de extração sustentável de madeira encerraram as atividades por não competirem com a madeira proveniente do desmatamento ilegal, nem coibirem a invasão de grileiros e ladrões de madeira. Não podemos aceitar as ações propositais causadas pelo homem. Nas florestas úmidas da Amazônia, o fogo não acende sozinho, salvo em períodos de longas secas.

A lei brasileira permite as queimadas. Contudo, essa prática não condiz com o alto nível dos centros de pesquisa e ensino agrícola existentes no País. Essa situação mostra a fragilidade da assistência e do desenvolvimento técnico do pequeno produtor. Essa responsabilidade, não só dos governos, exige uma atuação da iniciativa privada. Das 5,3 milhões de propriedades rurais existentes no País, 85% possuem menos de 100 hectares, que, sem apoio de cooperativas, ficam em situação de sobrevivência mais grave.

A PANDEMIA TROUXE ALGUMA LIÇÃO PARA O AGRONEGÓCIO?

MB: O 19º CBA, realizado neste ano, chegou a esta conclusão: considerada como essencial, a atividade não parou. Com a descentralização da produção no território, colhemos e exportamos uma produção recorde. Aprendemos, também, que não podemos deixar os nossos insumos usados na plantação nas mãos de terceiros. Fornecedores importantes paralisaram a produção industrial devido à pandemia. Então, devemos repensar o nosso modelo industrial, com uma reforma tributária de verdade.

O foco central da Amazônia está no agroambiente, com primazia ecológica sobre os outros biomas. Representa uma fonte de opulência. Os seus rios voadores liberam vapor de água para a atmosfera. Uma única árvore de 10 metros de altura emite uma média de 300 litros de água por dia. Florestas formam água, enquanto 90% da produção brasileira não emprega irrigação. Essa constatação deve estar presente nas nossas mentes. ■